

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII
N.º 639

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ARLINDO

P Á S C O A

por MANUEL FERREIRA



CAMINHAVA Jesus por uma planície deserta, cheio de sede, naquela tarde de verão.

Vinha de percorrer as terras da Judéa, pregando a sua doutrina e, sozinho, encami-

nhava-se para Nazaré.

Mas que distante estava ainda a sua casa, aquela casinha acolhedora, em cujo telhado os pombos arrulhavam, e em cuja porta Maria o esperava, sempre com o seu mais belo sorriso...

Atravessando a planície, árida e seca, Jesus Cristo encontrou uma pobre arribana. Bateu à porta e veio, solícita, uma mulherzinha que disse a Jesus, ao ver o seu aspecto bondoso:

— «Que deseja?»

— «Uma gota de água, senhora, por Deus.»

— «Entre, irmãozinho... Benvindo seja, pois por bem parece vir.»

Jesus assim fez e bebeu água, enquanto a mulher dizia:

— «A água é pouca, meu irmão, e fui buscá-la muito longe. Não a damos a quem quer que seja, pois muita falta nos faz uma gota somente.

«Mas, para vós, não sei bem porque, abri uma excepção.»

E explicou:

— «Este ano não houve uma pinga de água, sequer. Secaram todas as nossas fazendas...»

A água enchia uma ânfora. Era lodosa e salobra, mas a Jesus soube maravilhosamente.

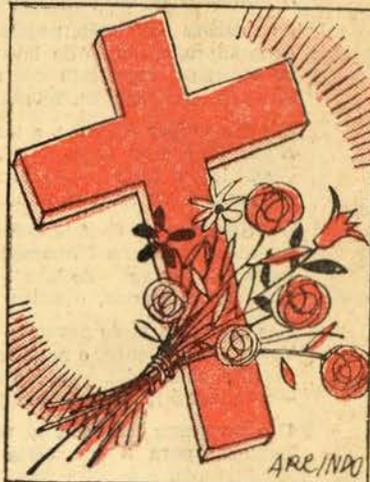
Ao despedir-se, o filho da Virgem Maria reparou numas flôres arroxadas, quasi secas, que se estendiam até longe.

Então, para retribuir o favor recebido daquela pobre mulher, Jesus fez nascer junto à casa uma fonte de água cristalina e, imediatamente, as flôres reverdeceram, com um suavíssimo perfume.

Passados dias, uma tarde linda de primavera entristeceu, subitamente. A água desapareceu, o céu tornou-se negro, as florinhas murcharam.

Que teria sucedido?

Nessa noite, por um caminheiro árabe, chegado de Jerusalém, a mulher soube que o homem que estivera em



ARLINDO

sua casa, dias antes, chamava-se Jesus e tinha subido ao calvário, vítima do seu amor pelos homens.

Dias de trevas passaram.

Ao terceiro dia, voltou à terra a luz do sol, a fonte tornou a regar a planície, agora fértil, e as flôres reverdeciam para sempre.

Então, religiosamente, a mulher colheu um ramo daquelas flôres e colocou-o diante duma cruz que simbolizava o sacrifício de Cristo.

E ainda hoje flôres como aquelas se vêem, na Semana Santa, a enfeitar os altares do dulcíssimo Jesus.

Sabem como se chama essa flor arroxada e humilde?

Chama-se *rosmaninho*.



VER NO PROXIMO NUMERO:

COSTUMES PORTUGUESES

NOVA SECÇÃO SEMANAL

e o conte infantil — O LOBO PAPÃO
E O CABRITINHO ESTOUVADO

Por Augusto de Santa-Rita.

AMOR À FAMÍLIA

POR JOSINO AMADO

NOVEMBRO frio. Um professor primário,
Tomando o sol, a meditar passeia,
Admirando o nostálgico cenário,
Em que o outono emoldurou a aldeia.

Arvoredos há meses verdejantes
E recamados de mimosas flôres,
Erguem, agora, os braços suplicantes,
Rugosos, nus, gesticulando dôres,

Pela lombas as varas dos vinhedos,
Desfolhadas, estendem-se no chão;
Olmos esguios lembram grandes dedos,
Apontando a azulada imen-sidão.

As montanhas, sem manto de verduras,
Formam-se tristes, sepulcrais, sombrias,
E pelos vales soluçantes, puras,
Correm águas, banhando penedias.

Vendo tombar o Sol para o poente,
A' povoação regressa o professor.
Com um feixe de nabos, segue em frente,
A mulher dum modesto lavrador.

As sombras pelo chão, negras, de rastros,
Alongam-se no rumo do levante,
Os rebanhos regressam dos seus pastos,
Balandando, com tristiza, montante adiante.

Por lhe poupar trabalho, a ter com ela,
A sua filha mais idosa vem...
— «Eu levo o feixe, — diz, sorrindo, bela —
Eu posso mais, eu levo, minha mãe!» —

Num dos cumes da fria serra abrupta,
Agonizou o Sol no firmamento,
Pelas veredas, vol! de labuta
O gado, telintando, a passo lento.

Nos arredores já do povoado,
Vendo-as, ao longe, o mais velho filhinho
Corre a elas e diz, vivo, animado:
— «Eu levo o feixe, eu levo, um bocadinho.»

Dos musgosos telhados, lá na aldeia,
Partindo para a sua aérea viagem,

O fumo branco pelo espaço ondela,
Seguindo a direcção da branda aragem.

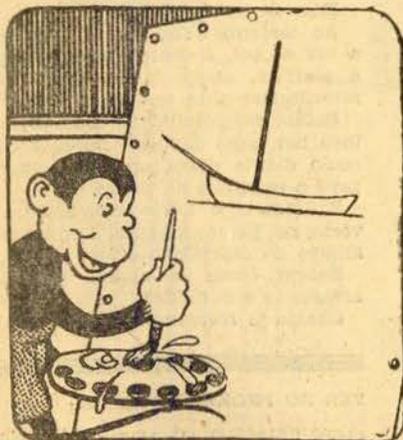


Entrando o povo, vindo de semear,
Encontraram o pai que, ledo, diz:
— «Dá cá o feixe, Zé, vai na muar,
Escasos de cansar-te meu petiz.» —

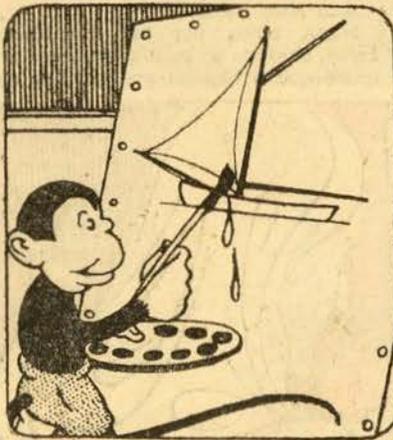
E a família, amorável, vai seguindo
A caminho de casa, satisfeita,
E o boi do mestre, ao ver o exemplo lindo,
Consigo vai pensando desta feita:

— «Feliz da nossa Pátria abençoada,
Quando o bem-dito amor familiar,
Como clarão de vívida alvorada,
Nos portugueses corações reinar!»

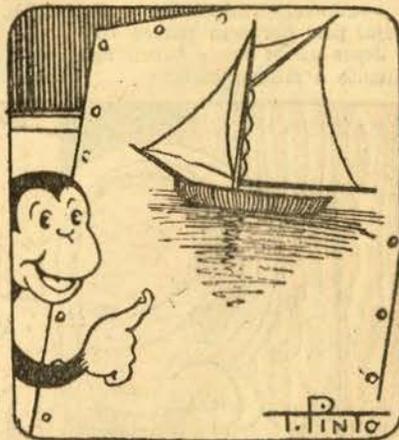
CHICO PROFESSOR DE DESENHO



Vê, amiguinho, a forma de se desenhar facilmente um barco.



Com mais uns traços e...



Já está. Que tal?
Vê, agora, se consegues fazer um, anda.

Lição de Gramática

Por AGOSTINHO DOMINGUES

Professor — «Manecas, dize uma oração.»

Manecas — «Padre Nosso, que estais no céu, santifi...»

Professor — «Isso é uma oração, preço ou pedido a Deus. O que eu quero que me digas é uma oração ou proposição, uma frase em que se afirme ou negue qualquer coisa.»

Manecas — «Mas a minha mãe só me ensinou o Padre Nosso e a Avé-Maria...»

Professor — «Podias ter dito, por exemplo, esta oração: *Pedro matou Paulo.*»

Manecas — «Ai, crédo, sr. professor! Sempre há homens muito maus!...»

Professor — «Não te aflijas, rapaz, que o que eu te disse é apenas um exemplo. Escreve-o ali, no quadro. E, agora, vamos analisá-lo. Os elementos essenciais das orações são o sujeito, isto é, a palavra ou palavras que indicam quem praticou (voz activa) ou sofreu (voz passiva), a acção; e o predicado, isto é, a palavra (verbo), ou palavras que indicam a acção praticada ou sofrida pelo sujeito. Na oração *Pedro matou Paulo*, onde está o sujeito?»

Manecas — «Está na cadeia, ou anda fugido à Polícia, pois quem comete um crime desses...»

Professor — «Qual crime?»

Manecas — «Então o sr. professor não disse que ele matou Paulo?»

Professor — «Disse, mas não foi a sério.»

Manecas — «Ah! O sr. professor sempre é muito brincalhão!»

Professor — «Bem, bem, dize lá então: o sujeito é *Pedro*, não é verdade?»

Manecas — «E', sim, senhor, visto que foi ele quem praticou a acção. E o predicado é *matou.*»

Professor — «Muito bem. Vejo que compreendeste. E *Paulo* o que é?»

Manecas — «E' a vítima.»

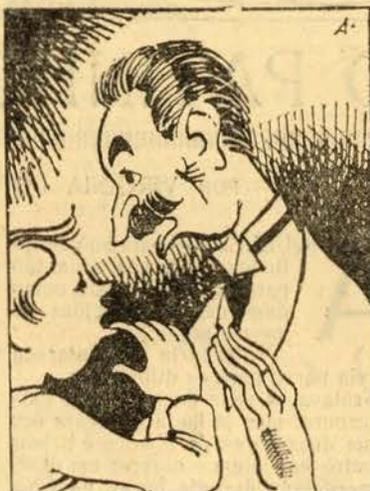
Professor — «Não é isso. O que eu

pregunto é que função desempenha *Paulo* na oração. Mas vais dizer-me primeiro: o verbo *matar* é transitivo ou intransitivo?»

Manecas — «E' transitivo.»

Professor — «Porquê?»

Manecas — «Porque transita.»



Professor. — «Talvez tenhas razão. Se souberes explicar-me o que isso quer dizer...»

Manecas — «E' transitivo porque, sim, é... não sou capaz de explicar.»

Professor — «Porque a acção por ele expressa ou indicada, transita ou recai, imediatamente, sobre um complemento que se chama directo. Sem esse complemento, o sentido da oração ficava de tal modo incompleto, que seria tido por doido quem lho não desse. Na oração que estamos a analisar, a acção de matar recai imediatamente sobre *Paulo*, que é, portanto, o complemento directo. Se disséssemos só *Pedro matou*, toda a gente nos perguntaria: «quem ou o que é que ele

matou?» Porque a afirmação estava incompleta. Vamos analisar outra oração. Escreve-a lá, no quadro: *Eu dei uma esmola a um pobre.* Sujeito?»

Manecas — «O sr. professor.»

Professor — «Não é tal.»

Manecas — «Então não foi isso que disse?»

Professor — «Está lá escrito. Ora lê...»

Manecas — «*Eu dei uma esmola a um pobre.* Então fui eu que dei? Como é que isso pode ser? Não tenho dinheiro para comprar um pão, quanto mais para dar!»

Professor — «Lá estás tu a tomar os exemplos a sério! O rapaz, o sujeito é eu.»

Manecas — «Pois é o que eu dizia: quem deu a esmola foi o sr. professor.»

Professor — «Essa pergunta fazem-na lavra eu. Predicado, *dei*; uma esmola é o complemento directo; e *a um pobre*, é complemento indicativo indirecto, porque quem dá, dá alguma coisa a alguém.»

Manecas — «Mas, ó sr. professor, para que serve a gente quebrar a cabeça com estas coisas? Que interessa saber o que é o sujeito, o predicado e os complementos?»

Professor — «Essa pergunta fazem-a si mesmo todos os estudantes, desde a escola primária até os anos mais adiantados dos liceus. Por isso não estranho que a façam também. Mais tarde, porém, compreenderás a utilidade deste estudo. Não serve só, como tantos outros, para desenvolver a inteligência. Sem saber bem analisar, dificilmente se escreverá com correcção a nossa lingua e se aprenderão as outras.»

A N E D O T A

Lili está tão acostumada a ver o irmão pequenino andar de gatinhas que julga ser esse o seu modo de andar natural!

— «O mamã, venha cá depressa! O mozinho está de pé nas pernas trazeiras!»

PADRE-NOSSO

DIALOGO — Traduzido do francês por MILAU

NÃO se pára a dizer uma oração. Portanto, continua, filha; então?! Já não te lembras do que a Mãe dizia?

— Dai-nos, Senhor... »

— «Dai-nos, Senhor... »

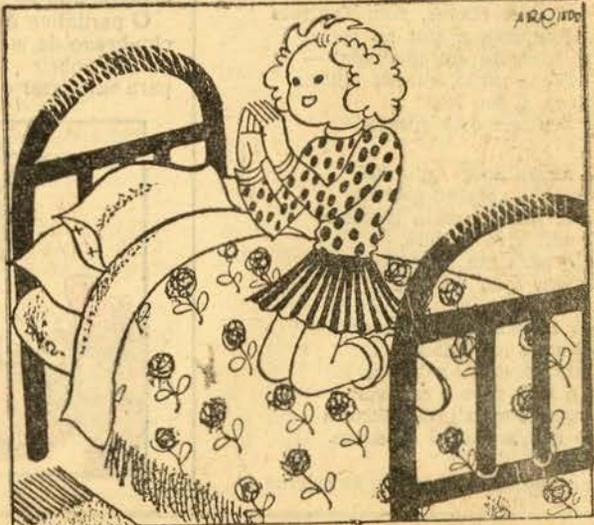
— «O pão de cada dia.»

— «O pão... »

— «Mas porque páras aí, ficando a dizer baixinho coisas que não entendi?»

— «Minha mãizinha. eu digo: — a Deus pedia para, quando dá pão — que é alegria — dar-nos, também, manteiga com o pão...»

Se é pecado, ao Senhor peço perdão!... »



DUAS JOIAS DOIS AMORES

POR MANUEL COLARES PINTO

Ela, quatro anos, Léninha;
Ele, seis e pouco, Antonito;
Dois irmãos encantadores.
Ela bonita e meiguinha,
Ele meigo e engraçadito.
Duas jóias... dois amores.

Juntos brincam, juntos correm...
Um p'lo outro são doidinhos.
(Assim sejam toda a vida).
Ele julga-se um grande homem
E retribui mil carinhos
A sua irmazinha querida.



Há dias, ela chorava,
Agarrando uma pernita
Onde tinha grande dor
E o pequerrucho implicava:
— «Não chores, minha Lénita...
Eu vou contigo ao Doutor!»

Qu'ria fingir-se valente,
Esconder a comoção...
Quem os fôsse observar
Veria, nitidamente,
Lagrimitas de aflicção,
Nos seus olhos a brilhar.

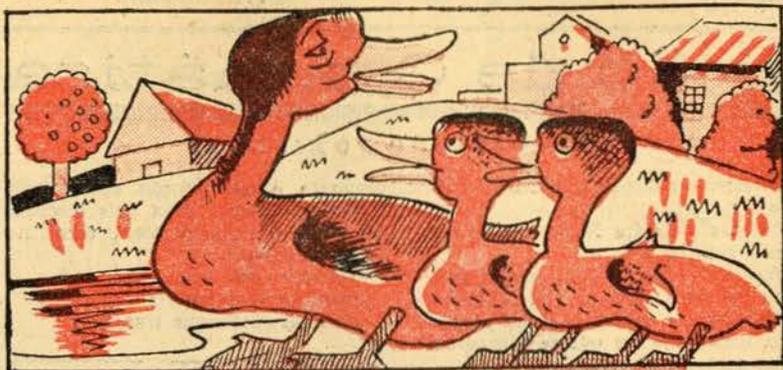
Quando a dor da miudinha
— (Por certo, dor de mau jeito)—
A deixou de apoquentar,
Aquele linda carinha,
Foi-se encostar junto ao peito
Da Léninha, a soluçar.

— «Porque choras, meu Tonito?»
— (Pergunta a Mãe ao petiz.
Já bastante apoquentada) —
— «Tens razão, eu sou tolo...
Agora já sou feliz:
A Léninha está curada!»

O encantador Antonito,
Tem um coração aberto;
Mas, porém, muito travesso.
E' um vivo diabito,
Não pára um instante quieto
E vira tudo do avesso.

Há tempos, para mostrar
As suas habilidades,
Uma cancela arrombou
E a Mãe, para o castigar
E pôr cõbro a tais maldades
No quarto escuro o fechou.

(Continuação na página 8)



O PATINHO VAIDOSO

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

A QUELES dois patinhos, muito lindos e jeitosos, eram tão parecidos, tão iguais, como duas cerejas nascidas no mesmo pé.

A própria mãe-patareca se via parva para os diferenciar.

Tratava os seus meninos com toda a ternura, mas já lhe acontecera dar a um duas vezes de almoço e deixar o outro em jejum e obrigar um deles a mergulhar, durante horas, na água da ribeira, enquanto o outro morria à sede!

Ora um dos patinhos era muito vaidoso.

Todo se arreliviava com tais confusões!

Queria ser diferente do irmão, porque assim não passava dum pato que nunca se sabia se era ele ou o outro!

O seu gosto seria ouvir: — «Ai, que lindo patinho!» em lugar de: «Ai, que lindos patinhos!» como ouvia, constantemente.

E tanto nisto matutou que, um dia, foi perguntar à rã da ribeira se ela saberia dar remédio a caso tão intrincado.

A rã deu um saltinho e veio perguntar à borboleta. Esta voou para a sebe e perguntou ao pardalico.

O pardalico disse, então, que o mocho-bruxo da mata, era, talvez, capaz de descobrir qualquer manigância para satisfazer o desejo do patinho.

Mas o mocho recebeu-o de má catadura e respondeu assim, ao pedido do patinho vaidoso:

— «És um pato parvalhão, muito fraco do miolo, com êsse ar espertalhão, não passas dum grande tólo!



Deixa-te dessa tineta, que o que queres é parvoíce. Vai-te embora, meu pateta, não-te faço tal sandice!»

O patinho tornou a implorar:

— «Faça-me doutra maneira, eu tenho cá o meu plano; mesmo que seja uma asneira, não quero ser como o mano.»

O mocho-bruxo piou, então, em ar de profecia:



O S G A T O S

A' Lili para ler à Lia e ao Lélito, quando souber, dedica este conto o

QUINQUIM

QUATRO gatos resolveram vestir-se de macacos e nem, sequer, pensaram nos perigos que daí lhes podiam vir.

Ainda não tinham andado quatro passos, quando foram abordados por um cão, que lhes perguntou:

— «Amigos, querem vocês ajudar-me?»

— «Não podemos!» — respondem os gatos, com receio de serem descobertos.

— «O trabalho não é grande — volte-lhes o cão. — Desejava que os meus amigos me viessem auxiliar a roubar

mas com a condição de repartirmos o presunto.»

— «Combinado, amigos. Vamos a isto!...»

Os outros, deixando-se convencer pelo que tinha falado, concordaram e foram com o cão, sem, sequer, pensarem já que podiam ser descobertos.

Quando chegaram à porta do talho em que se encontrava o presunto, mestre cão indicou-lhes que o melhor processo era os macacos supostos treparem ao telhado e, suspendendo-se no beiral, roubarem, assim, o petisco apetecido. Os gatos aprovaram a ideia e, dentro em pouco, o presunto era deles.

— «Vamos, agora reparti-lo...» — alvi-



HISTÓRIA e HISTÓRIAS

POR CARLOS AMOR

VAMOS, Joaquim, que é tarde... Se não te levantas já, não chegas a tempo à escola.»

— «Mas, oh! maçinha, eu tenho ainda sono e está tanto frio!... Repare como a cacimba cai! Daqui à escola é tão longe!...»

— «Então, meu filho, levanta-te. O pequeno sacrificio que presentemente fazes, nada é comparado aos benefícios que dele podes vir a tirar. Faça-te uma promessa: Assim que saibas ler bem, dar-te-ei a história mais linda deste mundo.»

Um dia, ao voltar da escola, Joaquim subira a escada a correr. Assim que avistara a mãe, gritou alegremente:

— «Mamá... eu já sei ler sem soletrar, e a mamã prometeu...»

— «Está bem, como não se deve faltar ao prometido, dar-te-ei a história...»

Quando, finalmente, ao outro dia, Joaquim se achou de posse do livro, folheou-o febrilmente e, com um sorriso nos lábios, leu na capa: — HISTÓRIA DE PORTUGAL.

Tornou a folheá-lo e, com pena, exclamou:

— «Oh! maçinha, eu julgava que fôsseis contos maravilhosos de fadas e gigantes...»

— «Pois, meu filho, se assim pensaste não pensaste mal. Toda a história de Portugal é uma maravilha, que nos apresenta, a cada passo, gigantes que, fadados não sei por que estranho poder, transformaram, com a sua espada como se esta fôsse uma varinha de condão, um pedaço de terra num forte e grande País. Verás que nunca lêste história mais encantadora.»

— «Pois ainda bem que a maçinha me deu uma História, em lugar de histórias!»

E Joaquim começou a leitura, com um lindo sorriso a bailar-lhe na boquita.



um belo presunto que eu vi pendurado à porta de um talho.»

— «Pois bem — responde um dos gatos, que era muito guloso — iremos,

trou o cão, com falinhas mansas, recendo já que os seus companheiros fugissem com o roubo.

Aproximaram-se os gatos do cão e

(Continua na página 7)

— «Já que és tão teimoso, patinho vaidoso, faço-te a vontade, sem dificuldade.

Quando chegares à ribeira, já estarás doutra maneira.»

e, com um pio prolongado, que mais parecia uma gargalhadinha de troça, o mocho-bruxo entrou no seu buraco.

Radiante, o menino pato, num galope, desandou, para ir dar a boa nova à mãe-patarreca.

Mas, a meio do caminho, as suas pernas, até ali muito ágeis e direitinhas, tornaram-se tão tortas que só podia andar num *balancé*, qual canôa no mar alto.

Sentia, também, um estranho peso nas costas e, ao mirar-se numa poça, viu que ali lhe crescera um grande alto.

— «Esta mochila é uma elegância que me vai diferenciar do meu irmão!» — pensou, muito satisfeito.

Mas levou horas e horas a caminhar, cada vez mais patarreco.

Chegado à margem da ribeira, pôs-se a grasnar, num desatino:

— «Venha vêr, ó minha mãe, que graça seu filho tem! Agora, não há engano, eu já não sou como o mano!»

A mãe-patarreca abriu o bico espan-tadíssima, diante daquele aleijão, que mais parecia um camelo pela configuração das costas e um cágado pela das pernas.

Horrorisada, só dizia e repetia:

— «Este filho não é meu!

Ou foi um ar que lhe deu?!»

Tal algazarra chamou a atenção dos bichos vizinhos que, ao vêrem o pobre, tão tórto, tão marrequinho, o lamentavam, cheios de dó.

E em lugar de *lindo patinho*, como esperava ser chamado, ele só ouvia:

— «Que patinho tão feio! Que patinho tão feio!»

Aleijado, desajeitado, passou a vida na maior tristeza, bem arrependido da sua vaidade, tão duramente castigada.

Foi este o primeiro pato marreco.

Mas os patos, seus descendentes, como não têm irmãos mais bonitos que eles, acham-se muito bem assim e vivem até muito felizes.

FÁBULA por FELIZ VENTURA

Um dia, duas águias que, vizinhas,
eram porta com porta,
lobrigaram,
quando voavam,
na relva verdejante duma horta,
uma gorda ovelhinha
que, serena, pastava.

Logo as duas, sem perda, cubiçosas,
juraram acabar-lhe com a vida
e, num monte fronteiro,
disputaram a prêsa apetecida.

Dizia uma que fôra ela a primeira
a ver, ao longe, a vítima inocente;
a outra, com voz forte e altaneira,
irada, protestava
e tão zangada à outra se mostrou,
que esta as garras aduncas preparou,
em atitude aguerrida.

E, num momento, as duas, furiosas,
envolveram-se em luta assás renhida,
Nisto, o dono da horta,
vendo que a noite já se aproximava,

levou a ovelhinha para casa,
e, querendo guardá-la em segurança,
meteu-a num aprisco de confiança
que um cadeado fechava.



Quando as águias, bastantes ensanguentadas,
se harmonizaram
e procuraram
a prêsa, que supunham inda estar
a pastar no vergel fresco e macio,
encontraram, com pasmo, êste vazio.

E disseram, então, num triste pio:
— «De nada nos serviu
andarmos para aí neste lutar,
esgotámos as fôrças
e a ovelhinha deixamos abalar!»

Nada há como ter bondade e siso;
As lutas trazem sempre prejuizo.



Victor Manuel de
Oliveira Fontes

CONCURSO
— DOS —
GRANDES
— DE —
PORTUGAL



Amílcar Castanheira
de Barros Pinto

O S G A T O S
Continuado da página 5

iam preparar-se para fazer a divisão,
quando, inesperadamente, êste ladrou
e logo apareceram três grandes rafeiros
que, abrindo a dentuça como
leões, se precipitaram sobre o presunto.

Ao verem isto, os gatos fizeram
tais esforços para segurarem a carne,
que a um se lhe descobriu o rabo, e

logo desconfiaram os cães de que se
tratava de burla. Esquecendo o servi-
ço prestado, pegaram de os morder e,
em pouco tempo, tinham-lhes posto o
pêlo à mostra. Os nossos gatos mal
tiveram tempo de fugir e o tal que
tinha concordado com o auxílio ao
cão, deixou ficar, por recompensa, o

seu rabo na dentuça de um dos seus
inimigos.

*

A prudência nem com os nossos me-
lhores aliados deve ser desprezada,
mas, antes de se ser prudente, de-
ve-se ser leal.

OS NOSSOS CONCURSOS
ENCONTRAIS RIMAS e FIXAIS CONCEITOS



Quem se preza, ó pequenada,
Deve a Pátria amar, servir,
Tornar grande, respeit....,
No presente e no por....

Saüdareis a bandeira,
Vermelha e verde tão bela,
E tombareis na trinch....,
Morrendo, heróicos, por e...!

J O S I N O A M A D O

CONCURSOS QUINZENAIS DE
POESIAS E CONTOS INFANTIS

*Acusamos a recepção dos seguintes
originais para a 4.ª Quinzena dos
nossos concursos de poesias e con-
tos infantis.*

CONTOS

«Uma boa acção — por Jorval
«Nobre vingança» — por Seravat
«A cartinha» — por Oidimeotnlp
«Na casinha dos brinquedos» — por M. C
«Fidalgos como há poucos» — por Almi
«Não fui eu» — por Carlo
«O tesouro da Ilha selvagem» — por José
Gil

POESIAS

«O avô» — por Jorval
«Um patriota» — por João Fernandes
«Resposta ajuizada» — por Bitá
«O bebê e a bola» — por M. C.
«Um cuba» — por Diniz Hugo Franco
«Resposta de Pombal» — por Z.
«Ter instrução» — por Oidimeotnlp
«Os dois pastores e a ovelha» — por Pin-
film
«A Inconstância da ave» — do mesmo
autor
«Curiosidades» — por Xico Dias
«Ao passar o ayíão» — por Jota Arlevillo



Para subir aos pináculos,
Em que medra a flor do Bem,
Não temereis os obst.....,
Nem os ódios de ning...!

Deveis manter, com firmeza,
Da dignidade o tesouro,
Nem que num mar de pob....
Vos aborde uma náu de....!

PROVÉRBIOS

Com silêncio vale mais que má pre-
gunta.
A quem tarde se levanta, cedo anoi-
tece.
Jógo e bebida, casa perdida.
Não cogites no pensar, mas cogita no
falar.
Quem não trabalha, não ameaha.
Bons amigos, bons conselhos.
Não há melhor mestra que a neces-
sidade e a pobreza.
O que deveras queremos, cedo ou
tarde alcançaremos.
Quem à tóa o tiro acerta, não se
gabe de mão certa.
Ainda que chegues a viver cem anos,
nunca deixes de aprender.
Se tens a consciência em paz, assás
consolidado estás.
Tenha o bom a porta aberta, que
dos bons a vinda é certa.

A N E D O T A S

O juiz para uma testemunha:
— «Como se chama?»
— «Lucília, uma criada de V. Ex.ª!»
— «Quantos anos tem?»
— «Vinte, sr. juiz.»
— «Profissão?»
— «Costureira.»



A alegria é mondadeira,
Que leva a vida a mondar
A tristeza, erva traço.....,
Dos trigais do bem-es...!

Sêde alegres. A alegria
Do bem, do belo, do amor,
Seja o pão de cada d..
Das vossas almas em fl...!

DUAS JOIAS, DOIS AMORES

(Continuado da página 4)

A Leninha, então, chorosa,
E de triteza cheinha,
Foi à mzinha implorar,
Com a sua voz maviosa,
Qu'inda a torna mais meiguinha:
— «Deixa o Toninho ir brincar!...»

Ela, quatro anos, Leninha;
Ele, seis e pouco, Antonito!
Dois irmãos encantadores...
Ela bonita e meiguinha,
Ele meigo e engraçadito:
Duas jóias... dois amores.

— «Sente-se e diga o que sabe.»
— «Eu, sr. juiz, sei coser bem, en-
gomar de goma, alguma coisa de
cozinha...»

— «Papá, onde é que nasceu?»
— «Em Ponta Delgada, minha filha.»
— «E onde nasceu a mamã?»
— «No Rio de Janeiro.»
— «E eu, onde nasci?»
— «Em Lisboa, filhinha.»
— «Então — exclamou a pequenita
— não tem graça como nós três nos
encontrámos?»